

DURAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DE CURITIBA

Silvia Helena Pelinzel da Silva¹, Maria Celestina Bonzanini Grazziotin²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi conhecer a duração do Aleitamento Materno Exclusivo (AME) em uma Unidade de Saúde (US) de Curitiba, como também verificar o perfil das nutrizes e a existência ou não de motivos que possam estar levando ao desmame precoce. Tratou-se de um trabalho quali-quantitativo, retrospectivo com embasamento em revisão bibliográfica, e artigos publicados em revistas eletrônicas nos últimos cinco anos. Desenvolveu-se uma pesquisa de campo, por meio de análise das mulheres residentes na área de abrangência da Unidade de Saúde, por meio de levantamento de Declarações de Nascidos Vivos (DNVs), recebidas de mães que tiveram seus filhos no período entre Janeiro a Março de 2009, com um total de 31 DNVs. O estudo foi realizado através de uma entrevista, aplicada em forma de questionário contendo oito questões. Os resultados demonstram que 52% das entrevistadas tinham ensino médio completo, a duração do AME teve média de quatro meses e vinte sete dias, embora todas introduziram outros alimentos entre os quatro e seis meses de idade sendo considerado como um dos principais motivos o fato de 80% das participantes trabalharem fora do lar. Concluiu-se que nesta Unidade de Saúde, o AME está acima dos índices nacionais sendo considerado muito bom pelos padrões da OMS.

Palavras chave: Aleitamento materno exclusivo; Nutriz; Desmame precoce.

ABSTRACT

The objective of this research was to know the duration of exclusive breastfeeding (EBF) in a Health Unit (U.S.) in Curitiba, but also check the profile of nursing mothers and whether or not reasons may be leading to early weaning. This was a qualitative and quantitative work, retrospective with basement on literature, and articles published in electronic journals in the last five years. Developed a field research, through analysis of women living in the area covered by the Health Unit, through the survey of Live Birth Certificates (NIDs), received from mothers who had children from January to March 2009 with a total of 31 NIDs. The study was conducted through an interview, applied in a questionnaire containing eight questions. The results showed that 52% of respondents had completed high school, the duration of EBF averaged four months and twenty seted, yet each has introduced other foods between four and six months of age is considered as one of the main reasons the fact 80% of participants to work outside the home. It was concluded that this Health Unit, the EBF is above the national indices is considered very good by the standards of WHO.

Keywords: Exclusive breastfeeding, Nursing mothers, Early weaning

1 Enfermeira. Centro Universitário Campos de Andrade de Curitiba-PR. E-mail:

silviapelinzel@iq.com.br

2 Enfermeira, Especialista em Lactação – Docente do Centro Universitário Campos de Andrade de Curitiba-PR

INTRODUÇÃO

Os índices de aleitamento materno no Brasil crescem continuamente a cada ano, mas ainda são considerados baixos pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Enquanto a entidade considera ideal que todas as crianças até seis meses recebam o leite materno, a pesquisa nacional sobre demografia e saúde, consolidada em 2006 pelo Ministério da Saúde, apontava que 39% das crianças nessa faixa etária recebiam o leite materno (BRASIL, 2009 a). Em 2008 a prevalência do Aleitamento Materno Exclusivo (AME) em menores de 6 meses de idade, foi de 41% no conjunto das capitais brasileiras e Distrito Federal, mediana de 27,1% em Cuiabá/MT a 56,1% em Belém/PA (BRASIL, 2009 b).

Faleiros *et al.*, (2006) e Oliveira *et al.*, (2005), afirmam que embora o aleitamento materno adotado exclusivamente nos seis primeiros meses de vida, e a partir daí complementado com alimentos disponíveis na unidade familiar até os dois anos de idade seja reconhecido como padrão alimentar capaz de diminuir a morbimortalidade e de assegurar o crescimento físico adequado da criança. Existem vários fatores ligados ao ambiente social e econômico familiar, aos serviços de saúde e às características biológicas inerentes à mãe e à sua criança que interferem na adoção alimentar e na duração do aleitamento materno.

Aleitamento Materno Exclusivo é quando a mãe oferece somente o seu próprio leite para seu bebê, não necessitando de água ou chá, mesmo quando o tempo estiver muito quente, seco ou o bebê estiver com cólica. (BRASIL, 2009a). O leite materno é importante para o bebê, principalmente quando dado exclusivamente até o sexto mês, porque evita muitas doenças. Além disso, contém todas as substâncias necessárias para que o bebê cresça sadio mental e fisicamente (BRASIL, 2007). Com a finalidade de apoiar, incentivar e proteger a prática da amamentação, a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) foi implantada, internacionalmente, em 1991 e adotada por mais de 20.000 hospitais em cerca de 156 países, incluindo o Brasil (CALDEIRA & OLIVEIRA, 2007).

Este trabalho busca conhecer a duração do AME em uma Unidade de Saúde (US) de Curitiba. Justifica-se pelo fato de que, estando comprovados por evidências científicas os benefícios do AME, tanto para o desenvolvimento biopsicossocial do lactente como a melhoria do vínculo mãe/bebê, é útil que se diagnostique a duração

do aleitamento, os motivos que podem estar levando ao desmame precoce, e também o perfil das nutrizes. Desta forma, poderá ser elaborado uma estratégia de ação junto à equipe multidisciplinar da US que contribua com o sucesso do AME.

O objetivo desta pesquisa foi conhecer a duração do Aleitamento Materno Exclusivo, em uma Unidade de Saúde de Curitiba. Também foi verificado o perfil das nutrizes e a existência ou não de motivos que possam estar levando ao desmame precoce.

MÉTODOS

Trata-se de um trabalho quali-quantitativo, retrospectivo, o embasamento da pesquisa foi apoiado em revisão bibliográfica e artigos publicados em revistas eletrônicas nos últimos cinco anos. Desenvolveu-se uma pesquisa de campo, que foi realizada através de análise das mulheres residentes na área de abrangência da Unidade de Saúde, por meio de levantamento do número de Declarações de Nascidos Vivos (DNVs), recebidas de mães que tiveram seus filhos no período entre janeiro a março de 2009, sendo um total de 31 DNVs.

O estudo foi realizado por meio de uma entrevista, aplicada em forma de questionário contendo oito questões, sendo sete objetivas e uma aberta. A entrevista foi aplicada na visita domiciliar, e na própria Unidade de Saúde. Os resultados foram tabulados e apresentados em forma de gráficos e tabelas, cuja discussão foi baseada na opinião dos autores pesquisados.

A presente pesquisa não submeteu a população alvo a qualquer risco, mas a prováveis benefícios, como a promoção do A.M.E. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como garantia da preservação da privacidade das entrevistadas, e aprovado pelo CEP-UNIANDRADE/PR sob Protocolo de Projeto nº 322 de dezembro/2009, e pelo CEP da PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA/ SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE sob Protocolo nº 01/2010.

RESULTADOS

Do total de 31 DNVs recebidas pela Unidade de Saúde no período de janeiro a março de 2009, foi possível entrevistar 25 mães; pois 5 mães mudaram-se da área de abrangência da US, e ocorreu 1 óbito neonatal por causas inevitáveis (má formação fetal).

No quesito amamentação 92% das entrevistadas amamentaram seus filhos. Sendo que 96% acreditam que o aleitamento materno traz benefícios e aumenta o vínculo mãe-bebê. Apenas duas mães não amamentaram devido a causas justificáveis. (Um bebê nasceu com fenda palatina e a outra mãe fazia uso de drogas ilícitas).

Com relação à duração do AME (Gráfico 1), dentre as 23 entrevistadas que amamentaram, houve um caso de AME até 9 meses de idade do bebê, e das demais, 22 nutrizes amamentaram por período de 4 a 6 meses, e destas, 10 sendo 44% completaram os 6 meses antes de introduzirem outro alimento. A média de AME neste estudo foi de 4 meses e 27 dias.

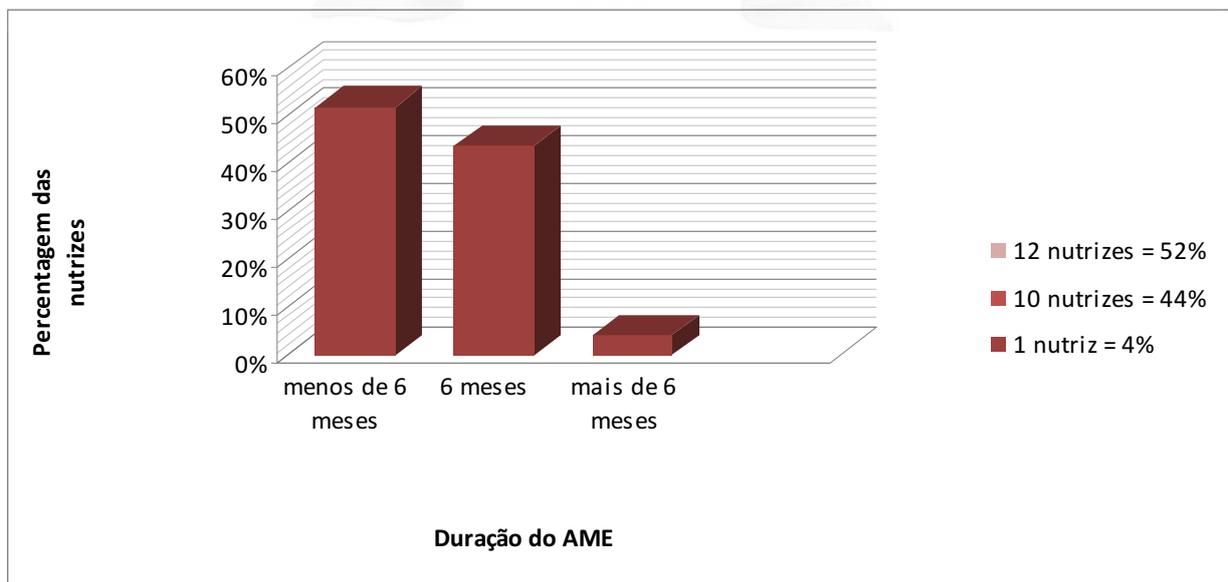


Gráfico 1 - Duração do AME em uma Unidade de Saúde de Curitiba. Percentagem das nutrizes.

A entrevista demonstrou que 52% das entrevistadas tinham ensino médio completo (Gráfico 2). As mães com 1º grau incompleto, sendo 3 no total, duas não amamentaram e 1 seguiu até os 6 meses; das com 1º grau completo, 1 amamentou exclusivamente até 4 meses, 1 até 5 meses, e 1 até 9 meses; das com 2º grau incompleto, 2 amamentaram exclusivamente até 6 meses e as com 2º grau completo, 5 até 4 meses, 4 até 5 meses e 4 até 6 meses. Com 3º grau incompleto e completo, 3 até 6 meses e 1 até 5 meses.

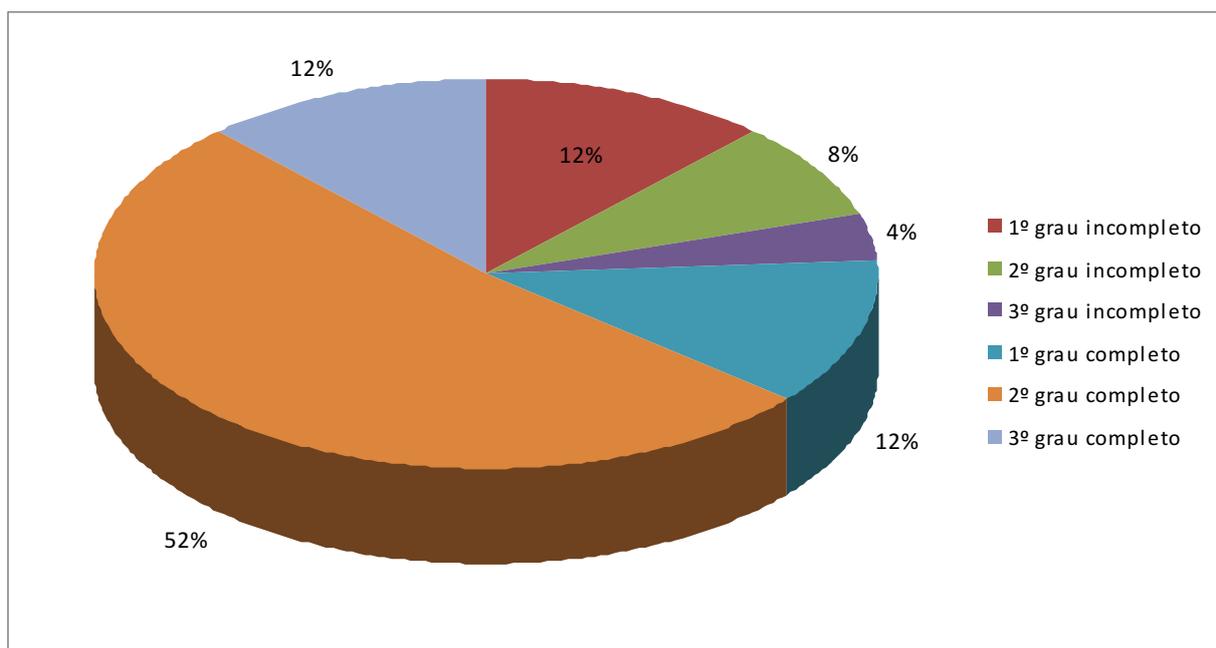


Gráfico 2 - Distribuição da amostra, (25 entrevistadas) conforme o grau de escolaridade

Verificou-se um predomínio de nutrizes na faixa etária de 30 a 39 anos (56%) e o destaque à atividade profissional fora do lar (80%). Quanto à amostra sobre família, (76%) tem companheiro, e apenas duas nutrizes relataram viverem sozinhas. Quanto aos convênios de saúde, a maioria realizou atendimento pré-natal e da criança após o nascimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Tabela 1 - Distribuição da amostra, (25 entrevistadas) segundo faixa etária, profissão, número de filhos, família e convênio de saúde.

VARIÁVEL	Nº DE MÃES	% DE MÃES	AME
IDADE DAS MÃES			
20 a 29	09	36%	100%
30 a 39	14	56%	92%
40 a 49	02	08%	100%
PROFISSÃO			
DO LAR	05	20%	96%
TRABALHA FORA	20	80%	96%
Nº DE FILHOS			
01	10	40%	100%
02	13	52%	96%
+ DE 2	02	08%	50%
FAMÍLIA			
COMPANHEIRO	19	76%	96%
PAIS	02	08%	96%
AMIGA	00	—	—
SOZINHA	02	08%	100%
NÃO RESPONDEU	01	04%	—
CONVÊNIO PRÉ-NATAL			
SUS	20	80%	92%
OPERADORA SAÚDE	08	32%	100%
PARTICULAR	00	—	—
CONVÊNIO BEBÊ			
SUS	19	76%	92%
OPERADORA SAÚDE	09	36%	100%
PARTICULAR	00	—	—

DISCUSSÃO

A duração mediana do AME neste estudo foi de quatro meses e vinte sete dias, estando bem acima da mediana nacional entre todas as capitais brasileiras e Distrito Federal, que em 2008 apresentou como resultado da pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde, Brasil, uma mediana do AME de cinquenta e quatro dias, ou

seja, um mês e vinte quatro dias(1,8 mês). Com relação à escolaridade da nutriz, pesquisas realizadas no Brasil indicam que há aumento da prevalência do AME com o aumento da escolaridade (BRASIL, 2009 b). Neste estudo esta tendência foi confirmada.

Em relação ao trabalho materno, é a grande dificuldade e desafio para indicadores mais altos após o quarto mês de AME, apesar de esta realidade estar mudando, muitas empresas ainda adotam a licença maternidade de apenas cento e vinte dias (SILVA & SOUZA, 2005). Brasil (2007), refere que o trabalho materno só não é empecilho se houver condições favoráveis à manutenção do aleitamento, como, por exemplo, respeito à licença gestante, creche ou condições para o aleitamento, e ordenha, no local e horário do trabalho. Independentemente da ocupação da mãe, o que parece ter mais importância é o número de horas trabalhadas, sendo maiores os índices de desmame quando o mesmo excede a vinte horas semanais .

Mascarenhas *et al.*, (2006), demonstraram que a interrupção da amamentação exclusiva nos primeiros meses está associada à baixa renda familiar, pouca idade materna, primiparidade e retorno da mãe ao trabalho. A maioria das mães entrevistadas encontraram-se em licença maternidade no período considerado, o que pode ter facilitado o elevado índice de AME nesta amostra.

Chaves *et al.*, (2007) e Faleiros *et al.*, (2006), concordam que as mães que obtiveram maior sucesso no aleitamento foram as mais velhas, mais instruídas, casadas, com experiência anterior positiva e conseqüente motivação maior com aleitamento, com boa orientação pré-natal e apoio de outras pessoas, especialmente do conjuge.

Silva e Souza(2005) e LA Del Ciampo *et al.*, (2008), constataram que os filhos daquelas mães com mais idade mamam por mais tempo, exclusiva ou parcialmente, em relação aos filhos das mães mais jovens, especialmente quando estas tinham maior número de filhos e/ou história pregressa de sucesso em aleitamento materno. Nesta pesquisa ficou clara a predominância do AME nas mulheres de 20 a 39 anos. Pelo último relatório da pesquisa nacional de 2008, a maior frequência no Brasil está entre as mulheres de 20 a 35 anos de idade. (BRASIL, 2009 b)

LA Del Ciampo *et al.*, (2008), concordaram que apesar da ampla divulgação nas maternidades, postos de puericultura, e campanhas de saúde pública, a prática do

aleitamento materno ainda não atingiu a frequência e duração desejáveis, embora embora venha evoluindo favoravelmente durante os últimos 30 anos. Nos Hospitais Amigos da Criança, as mães devem ser informadas sobre as vantagens do aleitamento e dos riscos associados ao uso de leite artificial. Também devem receber informações básicas sobre a lactação, estímulos para produção do leite materno, dificuldades possíveis e soluções para os problemas mais comuns na prática da amamentação (CALDEIRA & GONÇALVES, 2007). Nesta pesquisa 52% das nutrizes introduziram outros alimentos entre o 4º e 5º mês de vida dos bebês, o que não seria necessário, uma vez que o leite materno supre todas as necessidades até os seis meses de idade, e se as nutrizes estivessem convencidas dessa importância.

Segundo Caldeira & Gonçalves (2007), o aleitamento materno traz benefícios nutricionais, imunológicos, emocionais, dentários e socioeconômicos. Com base em diversos estudos anteriores, afirmamos que o AME até os seis meses é o ideal, pois a introdução precoce de outros alimentos interfere negativamente na absorção de nutrientes e em sua biodisponibilidade, levando a uma menor ingestão de leite materno, menor ganho ponderal e ao aumento do risco de diarreias (SILVA & SOUZA, 2005).

Entretanto, seja por influência de fatores externos ou por características da própria mulher, muitas mães têm introduzido novos alimentos para os bebês antes do tempo recomendado. O risco de morte por pneumonia e por diarreia é de, respectivamente, cinco e sete vezes maior em bebês não amamentados nos primeiros cinco meses de vida, nos países subdesenvolvidos (ARAÚJO *et al.*, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da evolução dos índices de AME nos últimos trinta anos, ainda apresentam-se muito abaixo do preconizado pela OMS. A presente pesquisa constatou que, das vinte três mães que amamentaram apenas 48% foi AME até o 6º mês ou mais, e 52% introduziram outros alimentos antes dos seis meses de idade. A média de AME na população pesquisada foi de quatro meses e vinte dias, essa amostra apresenta um índice de AME considerado bom em comparação com a média nacional.

De acordo com a presente pesquisa, o grande índice de mães que trabalham fora, 80% das entrevistadas, demonstrou um fator importante dentre os resultados encontrados, podendo considerar uma das principais causas da introdução de outros alimentos antes dos seis meses de idade da criança, ou seja, o fato delas terem obtido licença maternidade de apenas cento e vinte dias. Com isso, fica clara a importância de todas as empresas, aderirem à nova lei de seis meses para licença maternidade, podendo assim aumentar os índices de AME em nosso país, e reduzir a incidência de doenças e outras intercorrências entre crianças de zero a doze meses de idade.

Os resultados encontrados nessa pesquisa mostram que o estímulo deve continuar a respeito do AME, afim de cada vez mais obter melhores resultados, tanto em Maternidades - IHAC, como em Unidades de Saúde. É necessário investir na sensibilização e treinamento das equipes multiprofissionais, quanto ao manejo dessa prática, para que todos falem a mesma língua, transmitindo mais confiança e segurança para as mães. O Enfermeiro é o profissional que pode fazer a diferença nesta questão, uma vez que é o profissional que está diretamente ligado ao atendimento das gestantes e puérperas, tanto durante a gestação nas oficinas de gestantes, quanto no pós-parto, e até o término do período de amamentação, orientando e apoiando nas possíveis dificuldades encontradas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.F.M., REA, M.F., PINHEIRO .K.A. e SCHMITZ, B.A.S. Avanços na norma brasileira de comercialização de alimentos para idade infantil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 3, June 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000300021&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 ago. 2010.

CALDEIRA, A.P. e GONÇALVES, E. Avaliação de impacto da implantação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 83, n. 2, Apr. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572007000200006&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 ago. 2010.

CHAVES,R.G., LAMOUNIER J.A. e CÉSAR, C.C. Fatores associados com a duração do aleitamento materno. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 83, n. 3, June 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572007000300009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 ago. 2010.

FALEIROS, F.T.V., TREZZA, E.M.C e CARANDINA, L. Aleitamento materno: fatores de influência na sua decisão e duração. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 19, n. 5, Oct. 2006 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732006000500010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 ago. 2010.

LA DEL CIAMPO, I.S., FERRAZ, J.C. e DANELUZZI, R.G. Aleitamento materno exclusivo: do discurso à prática – **Pediatria**, v.30, n.1, 2008:22-26.

MASCARENHAS, M.L.W., ALBERNAZ, E.P., SILVA, M.B. e SILVEIRA, R.B. Prevalência de aleitamento materno exclusivo nos 3 primeiros meses de vida e seus determinantes no Sul do Brasil. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 82, n. 4, Aug. 2006 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572006000500011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 ago. 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Álbum Seriado Promovendo o Aleitamento**. 2ª edição, revisada. Brasília (Publicado em 2007). Disponível em: <www.saude.gov.br/>. acesso em 09 ago. 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Taxas de aleitamento materno no Brasil**. A grande aposta do Ministério da Saúde para melhorar os índices de aleitamento materno em todas as regiões do país é a Rede Amamenta Brasil. (Publicado em 2009). Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br>>. acesso em 09 ago. 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **II Pesquisa de Prevalência do Aleitamento Materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal**. Editora: MS, Brasília-DF, 2009

OLIVEIRA ,L.P.M., ASSIS, A.M.O., GOMES, G.S.S., PRADO, M.S. e BARRETO M.L. Duração do aleitamento materno, regime alimentar e fatores associados segundo condições de vida em Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, Oct. 2005 . Disponível em<http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000500025&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 Aug. 2010.

SILVA, A.P. e SOUZA,N. Prevalência do aleitamento materno. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 18, n. 3, jun. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732005000300002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 09 ago. 2010.